

## Uma Prenda Especial

---

Na aldeia onde mora o Pai Natal, lá bem longe no Pólo Norte, todas as crianças o conhecem. Como o veem todos os dias, para elas é como se fosse uma pessoa normal.

— Bom dia Pai Natal! — acenaram as três meninas em simultâneo do outro lado da rua, carregando as suas mochilas às costas.

— Bom dia crianças! — retribuiu o Pai Natal com um sorriso, enquanto se apressava para o seu escritório, quase chocando com o candeeiro da rua. — Portem-se bem na escola!

Era muito importante as meninas portarem-se sempre bem se queriam receber uma prenda daquele senhor rechonchudo na noite mais especial do ano. Já faltavam tão poucos dias e ainda havia tantas prendas para preparar, sobretudo para aqueles pedidos que ainda estavam a chegar. Era por isso que o Pai Natal ia com tanta pressa. Todos os dias bem cedo passava no seu escritório para recolher as cartas que o Correio tinha entregue no dia anterior. Metia-as todas no enorme saco vermelho, saltava para o trenó e seguia depois para a fábrica dos brinquedos, onde os duendes o ajudavam a preparar tudo. E não

era assim tão pouco. Lembrem-se que é preciso atender a crianças de todo o mundo...

A fábrica dos brinquedos não fica na aldeia onde mora o Pai Natal. Fica num local secreto para que ninguém da aldeia possa ir lá atrapalhar. Quando ele lá chega já os duendes estão numa grande azáfama.

— Bom dia! — cumprimentam alguns. — Não é aqui, põe ali! — reclama um. — Ó santinho, não pises essas cartas! — avisa outro. Que grande confusão ali vai.

— Acalmem-se pequenotes! — avisou o Pai Natal. Eram tão baixinhos que nem chegavam à sua barriga. — Quanto menos reclamarem mais depressa resolvem as coisas. — E continuou, pousando o saco das cartas que trazia às costas — Ainda trago aqui mais trabalho.

— Mais cartas? — suspirou um dos duendes. — De repente a miudagem aprendeu toda a escrever? — e desataram a rir-se.

Este grupo de duendes tinha o trabalho de abrir todas as cartas e fazê-las passar pela máquina da verdade. Metiam a carta num dos lados pela ranhura e ela saía do outro lado. Se uma luzinha verde acendesse queria dizer que a menina ou o menino se tinha portado bem e podia receber a prenda tão desejada.

Depois o Pai Natal passava pela zona dos cartões. Era aqui que se copiava para um cartãozinho o nome da criança e respetiva morada para mais tarde colocar-se na prenda. — Quero essa letra bem feitinha... — recomendava ele sempre. — Ai, ai, que o S parece um L.

— Não tenho culpa — respondeu a duende com quem ele falava. — Já me dói a mão de tanto desenhar letras. Se pedissem menos prendas não me cansava tanto.

— Ai sim? E também te dói as mãos e os dedos quando estás a jogar na consola durante as férias, não dói? — E ouviram-se as risadinhas dos outros duendes a fazerem pouco dela.

— Só sabem resmungar, resmungar, resmungar — foi dizendo o Pai Natal, de braços ao alto, à medida que se afastava para continuar a volta pela fábrica.

Como devem calcular, a zona onde se fabricavam os brinquedos e o armazém onde eram guardados eram espaços enormes. Só assim era possível ter brinquedos para grande parte das crianças de todos os países. Havia também duendes que liam cada cartão, iam buscar a prenda pedida e colocavam no tapete rolante, para depois outros embrulharem e colarem o laçarote. E era assim o dia a dia na fábrica dos brinquedos onde se preparavam os presentes mais importantes do ano.

Finalmente chegou o dia mais importante – a véspera de Natal. Era a altura dos últimos preparativos para a equipa que tinha a missão principal de levar as prendas até às crianças. Para isso, todos os anos o Pai Natal chamava os onze duendes que melhor sabiam fazer este trabalho para o acompanhar na viagem mágica de uma só noite. Eram eles que distribuía as prendas descendo a cada uma das casas por todo o mundo. Todos queriam continuar a fazer parte desta equipa e por isso também era boa ideia portarem-se bem durante o ano.

Enquanto esperavam pelo Pai Natal, os onze escolhidos, cada um vestido da sua cor, criavam grande algazarra, todos a falar ao mesmo tempo, cada um mais alto que o outro, empurrões, barruços pelo ar, enfim, tudo o que os duendes fazem quando estão juntos.

— Cheguei, atenção! — disse uma voz calma.

A confusão continuava.

— Amiguinhos pequenotes, já cá estou! — voltou a ouvir-se.

Nada. Ninguém tomava atenção.

Farto de esperar, o Pai Natal tirou uma buzina do bolso mágico do casaco e apertou-a na direção dos duendes: buéééééééééééééééé!

Onze grandes sustos que eles apanharam! De repente ficaram onze pares de olhos muito arregalados virados para o Pai Natal a tentar perceber o que tinha acontecido.

— Oi — acenou o Pai Natal — Sou eu. — E deixou escapar um sorriso maroto.

— Que mau — disse um dos duendes. — Sim, isso não é maneira de nos chamar! — disse outro. — Ai, acho que estou a ter um ataque do coração, socorro! — exagerou mais um. — Não pode tratar-nos assim. Vamos amuar. Quem não quer trabalhar mais levanta a mão! — disse um outro.

— Chega de brincadeira — disse com voz firme o Pai Natal. — Vamos lá tratar de nos prepararmos para a nossa viagem. Partimos daqui a uma hora, não sei se já perceberam... Atenção que vou fazer a chamada.

Com isto fez-se silêncio e aprumaram-se todos de frente para o seu chefe. Começou a ler a lista de nomes:

— Dramil — chamou ele. — Presente! — respondeu um.

— Leii. — Presente!

— Tholme. — Presente!

— Muriel. — Presente!

— Assubé. — Prenda!

Aqui desataram todos em grandes risadas com a resposta do Assubé.

O Pai Natal até fechou os olhos para conseguir manter a calma. — És muito engraçadinho, és. — E lá continuou a chamada até ao final.

— Já têm o que precisam para a viagem? Todos têm a bolsa com o pó mágico? — Todos tinham. E já começavam a ficar ansiosos pela hora da partida.

— E a folha das moradas? Está convosco? — Esta era uma folha de papel que todos tinham que levar. Uma folha especial onde ia aparecendo cada morada na qual tinham que entregar a prenda seguinte. Quando acabavam de entregar uma prenda, desapareciam as palavras e logo surgia na folha mágica a próxima morada de entrega.

— Muito bem. Parece que está tudo pronto — concluiu o Pai Natal. — Agora, só para não haver surpresas, alguém ainda precisa de ir fazer um xixi? — E logo onze mãozinhas se levantaram no ar gritando que sim.

O velho senhor escondeu a cara entre as mãos, enquanto dizia:

— Não acredito, é sempre a mesma coisa, santa paciência.

— E continuou — Vá! Corram! Deixam tudo para a última da hora! — E lá foram todos aos empurrões, em grande correria para as casas de banho.

Finalmente estavam prontos para partir. Mas, ainda assim, o Pai Natal fez uma cara mais séria e pareceu espreitar para o meio dos duendes. Tinha bom ouvido e conseguia perceber uns barulhinhos de campainha. Plim! E passado mais um pouco, plim, plim!

— Leii — chamou. Ao que a duende respondeu baixinho como se adivinhasse o que ia acontecer — Siiiiim...

— Parece que estou a ver qualquer coisa a sair do bolso do teu casaco. — E Leii começou a corar. — Então o que dizem essas mensagens? Pensaste que o telemóvel cor de rosa se confundia com a tua roupa da mesma cor? Quantas vezes avisei que não se leva telemóvel neste trabalho? — E começaram todos a fazer pouco dela:

— Eh, eh! Apanhada, apanhada!

— São mensagens do namorado! Ih, ih!

— Todos na risota e a pobre da Leii envergonhada.

— E já não vais, ficas de castigo!

Mas o Pai Natal acalmou a situação — Vá, rápido! Mete-o ali no saco onde estão os outros guardados.

Bom, e com este pequeno problema resolvido, lá foram todos para o trenó que já estava pronto e carregadinho de prendas. Era um trenó muito bonito. Quase todo pintado de verde e com algumas pequenas partes a vermelho. Duas lanternas à frente, uma de cada lado, mostravam umas luzinhas amareladas que serviam para lembrar que ali ia a passar um trenó. Também era grande. No banco da frente era onde se sentava o Pai Natal que guiava as renas. Logo a seguir sentavam-se os ajudantes, distribuídos em quatro filas de bancos. Finalmente lá atrás ficava a mala onde todas as prendas eram colocadas.

Depois de cada um tomar o seu lugar, após uma série de discussões como era normal, o velho senhor recomendou:

— Apertem os cintos, malta!



— Eu já apertei o meu — disse Balidu, o duende vestido de verde, fazendo com que os outros olhassem para ele. Na verdade o cinto de segurança não estava apertado. E continuou, — Não... apertei o cinto da roupa! Que é para não ter fome durante a viagem!

Balidu desatou a rir e começou novamente a diversão. Riam, cada um para seu lado, deitavam-se nos bancos, pernas para o ar, uns por cima dos outros, mais uma enorme confusão! Só quando repararam no grande chefe, desesperado a abanar a cabeça, é que se calaram. E aos poucos, todos apertaram os cintos e endireitaram-se nos bancos.

Com tudo a postos o Pai Natal deu ordem às suas renas impacientes para arrancarem. E num instante já deslizavam pela neve a uma boa velocidade.

— Mais depressa! Mais depressa! — gritavam os pequenos ajudantes. Ficavam sempre tão entusiasmados por serem os escolhidos para ajudarem nesta noite especial que já só queriam que o trenó levantasse voo.

— Pouco barulho! — refilou o Pai Natal. — Ainda acordam as aldeias todas aqui à volta. Safa! São impossíveis. Todos os anos é isto. Que sorte a minha...

E lá se acalmaram os coloridos duendes, apesar de continuarem com as suas risadinhas e guinchos de tão excitados que estavam. O trenó avançava agora muito mais depressa. E não demorou muito até começar a subir no ar, mais e mais, deixando lá em baixo as luzes das aldeias que ficavam cada vez mais pequeninas.

- Força Rodolfo! – disse bem alto o Pai Natal.

Rodolfo era a rena lá da frente e iniciava a corrida de cada vez que partiam para entregar mais uma prenda. O seu narizinho era o mais vermelho entre todas as renas e muito especial. Com ele conseguia guiá-los a todos por entre o nevoeiro, de forma a nunca se perderem. Para o Pai Natal esta era a rena mais importante e que comandava desde sempre todas as viagens nesta noite tão bonita. Atrás de Rodolfo seguiam mais oito renas que puxavam aquele trenó magnífico. Lá dentro, o Pai Natal segurava as rédeas com as quais indicava a direção a tomar. Acomodados nos confortáveis bancos de trás, os onze pequenos duendes continuavam em grande algazarra. Sempre que paravam por cima de algumas casas, consoante a situação, cada um descia com a sua corda por uma chaminé, ou desciam a prenda por ela, ou então entravam em casa pela porta. É claro que para entrarem pela porta teriam que usar o famoso pozinho

mágico do Natal que só eles e o Pai Natal tinham... Depois iam colocar a prenda junto da árvore de Natal de luzinhas a piscar, pois era ali o sítio certo para a deixarem.

E assim foram passando as horas, com o trenó a deslizar pela noite, deixando mais uma prendinha na casa de cada criança que se tinha portado bem nesse ano.

Após a distribuição em mais um bairro, Rodolfo puxou um pouco para a frente e todas as renas fizeram força para começarem a correr pelo céu fora. Em breve estavam a voar a uma velocidade estonteante deixando para trás aquele rasto de pontinhos brilhantes que todos bem conhecemos! *Ou será que vocês ainda não tiveram a sorte de ver o trenó a passar no céu, num dos outros natais?*

— Ó pequenas criaturas, comportem-se! — ralhou o Pai Natal sem abrandar a corrida das renas. Reinava tão grande confusão naquele trenó que mais parecia o recreio duma escola.

— Foi o Guflim que começou — queixou-se o pequenino Érpico apontando para o colega vestido de laranja. — Está a gozar comigo porque estou sujo, mas ele também está. Todas as chaminés têm fuligem.

Ao que Guflim respondeu:

— Pois, pois, mas entre o gorro e essa tua fatiota azul só se veem duas bolas brancas. A tua cara está tão suja que só se veem os olhos! Eh, eh, eh! — E desataram todos a rir-se enquanto se empurravam uns aos outros, começando outra vez a confusão.

O Pai Natal olhou para cima com ar desesperado, mas paciência era coisa que felizmente não lhe faltava.

— Pronto pessoal, vamos lá a acalmar. Com esta barulheira toda ainda conseguem acordar alguma criança lá em baixo. Digam-me lá quantas prendas ainda faltam entregar.

De repente, onze cabecitas viraram-se ao mesmo tempo para a parte de trás do trenó onde ficava a zona de carga das prendas. Podem perguntar como cabia tanta prenda para tanta criança naquele espaço, mas não se esqueçam que tudo aquilo que diz respeito a este transporte é mágico... Bem podiam carregar todas as prendas lá para dentro porque aquela mala funcionava como se não tivesse fundo. E sempre que tiravam algumas, apareciam logo as outras que estavam por baixo.

— Só falta entregar uma! — disse rapidamente Muriel, a duende de fato violeta. — E sou eu que entrego! Sou eu que entrego!

E voltou a confusão. Quem ia entregar a última prenda? Todos discutiam ao mesmo tempo, empurrão para cá, empurrão para lá, sou eu porque tu já foste, cala a boca que sou o mais velho, deixem-me ser eu que nunca fui, devia ser eu que sou a mais baixinha, queres apanh...

— Silêêêncio! — pediu o Pai Natal. — Se não se calam já, no próximo ano não trago nenhum de vocês. Deixam de ser os duendes mais famosos que acompanham o Pai Natal. Mas afinal quem manda aqui?

— Tu, Nicolau, és tu que mandas... — ouviu-se baixinho uma vozinha de duende. E todos se ajeitaram nos bancos, muito atentos.

— Assim está melhor. Eu é que decido quem vai fazer a última entrega.

Olharam todos para as suas folhas mágicas das moradas e esperaram até surgirem as letras azuladas com indicação da última entrega. Pela morada que apareceu já não deviam estar muito longe.

— Vejam, já se avista a casa naquela direção. — E o Pai Natal apontou para uma luzinha lá bem ao longe.

Chegaram rapidamente e as renas descreveram um círculo até o trenó ficar suspenso por cima duma casa enorme.

— E até já sei quem vai descer — continuou o Pai Natal. — Reparem só no tamanho desta chaminé. É a mais larga que vimos esta noite.

— Uau! — disse Guflim — Que bom, assim podemos ir todos e ninguém fica triste, certo Nicolau?

— Errado, meu pequenote! Quem vai entregar esta prenda... sou eu!

Ficaram todos de boca aberta. Por esta não esperavam. Mas assim foi. Depois de passar do trenó para a chaminé, o Pai Natal iniciou a descida com a ajuda da escada de corda que era usada nalgumas situações mais difíceis. Esta chaminé era mesmo enorme. É certo que iria ficar todo enferruscado e com o seu fato sujo, mas não tinha importância. Dali iria direitinho para casa onde um banho de água quentinha o esperava. E então podia descansar após mais uma noite de Natal.

Um último esforço e lá estava ele no fundo da chaminé, agachado na enorme lareira. Ainda mal se preparava para sair para a sala quando esborrachou o nariz contra algo ainda morno. — Ups! — espantado, percebeu então que a lareira tinha um recuperador de calor e o vidro tapava-lhe a saída. Era por

situações como esta que viajavam sempre com aquele pó mágico prateado. Neste caso bastava espalhar um pouquinho no trinco da porta para o abrir por dentro. Pôs a mão ao bolso mas não encontrou nada. Nem acreditava no que lhe estava a acontecer. O saquinho do pó mágico ficara no trenó. O Pai Natal nunca precisava dele pois eram sempre os duendes que desciam até às casas. Estava ali fechado sem poder colocar a prenda junto da árvore. E agora?

O Pai Natal pensou um pouco e decidiu que não podia voltar a subir e ir embora sem ser ele a entregar a última prenda. E disse lá para cima:

— A lareira está fechada. Vou esperar que a menina desta casa acorde e venha buscar a prenda para lhe pedir que abra a porta da lareira.

E aí, a menina ia ter uma surpresa. Era a primeira criança que ia estar mesmo com o Pai Natal e receber o presente pela mão dele!

E riu-se sozinho:

— Oh! Oh! Oh! Eu é que vou ser uma prenda especial, vejam só!

E assim foi. Ainda estava escuro quando Sara acordou e desceu à sala para ver se já tinha a prenda dela. Nem imaginam a

alegria que foi quando abriu a lareira para o Pai Natal sair e recebeu a prenda das suas mãos. Ainda hoje fica na dúvida e pensa que talvez tenha sonhado.

Mas nós sabemos que não foi um sonho e que o Pai Natal regressou à sua aldeia ainda mais feliz do que era costume.